



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas*. (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Morta adorada*, versos, por Magalhães Fonseca;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Vida litteraria*, por D. Guiomar Torrezão;—*As nossas gravuras*;—*Estudos de hygiene*, (continuação), por Castor;—*Recuerdo...*, soneto, por Custodio Guimarães;—*O modelo*, conto, por Eugenio de Castro;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Historia vulgar*, conto, por Affonso Vargas.

GRAVURAS:—José Maria da Silva o «Caramello»;—*Os Sete Peccados Mortaes*—2.ª parte: *Avareza (Specimen das gravuras)*;—*O carnaval*;—*Modas*;—*O mosteiro de S. Sergio (Russia)*.

tos dentes tinha na regia bocca, mas possuia o principe tão bonitos dentes que, desattendel-os, seria uma dôr d'alma.

Levou sumiço. Ninguém conhece o paradeiro actual

CHRONICA

Levou sumiço.

E, já agora, não-de-me dar licença para que eu attribua á minha pouca fortuna os ingratos acontecimentos da Bulgaria. Tive amores com Alexandre de Battenberg, e empalmaram-m'o. Fiquei viuvo. As minhas esperanças, desde então abandonadas ao sabor da brisa, tinham-se agora accumulado todas sobre a cabeça do novo soberano, e o meu rico Fernando de Coburgo eil-o tambem perdido, quem sabe se para sempre, e perdido de maneira que até a agencia Havas recusa aventar sobre o incidente uma d'aquellas galgas de que em geral é prodiga.

Sabe Deus o que a esta hora terão feito ao meu rapaz, mas eu lhes juro que com tão linda pomba nunca mais o Oriente se abiscoita!

Fernando de Coburgo, dos carrapitos da sua magestade, escrevia epistolas angelicas, tu cá, tu lá, aos seus amigos d'infancia e companheiros de pagode, narrando-lhes, com palavras onde a commoção resplandecia, a recepção entusiastica de que estava sendo alvo por parte dos bulgaros. Naturalmente mentia com quan-



JOSÉ MARIA DA SILVA O «CAMELLO»

d'aquella soberania nascente, que não deixou vestigios da sua passagem em parte alguma.

O estouvado Fernando nem sequer teve a'inspiração de fazer, pelo caminho, uma innocente coisa que o principe da Beira acaba de fazer nas bochechas de um re-

porter. Nem mais era preciso para, com muitas probabilidades de bom successo, podermos enviar á Bulgaria, em busca do perdido, o Antunes ou o Palmella.

Fez o principe da Beira muito bem. Não é o sangue real que lhe circula nas veias que não prohibe a satisfação de certas necessidades, como tambem não era de esperar que um jornalista tivesse a petulancia de remechar de tal modo as fraldas de Sua Alteza.

Que o *reporter*, inquestionavelmente, não fez mais do que cumprir o seu dever. Quem toma um compromisso, só se não póde é que deixa de provar que tem coragem para mais. A gloria não é agora uma prenda tão facil de conquistar, que possa uma pessoa renunciar a ella, desde que um dia a teve á mão.

Ha por ahi alguém que tenha conscienciosamente o mau gosto de contestar ao noticiario da fralda a palma de observador profundo? Pode-se mesmo affirmar que, d'entre os representantes da imprensa, não foi ao Norte, d'esta vez, *besbilhoteira maior*. Cheirou lhe, eis tudo.

As coisas são o que são, e, visto que o principinho fez a coisa, nada mais rasoavel do que sabel-o o mundo. Para que tudo fique em pratos limpos—que remedio?—é necessario que alguma coisa fique em fraldas sujas.

Valha-nos a lavadeira!

El-Rei safou-se. Vem assistir ás manobras do Sabugo, que, ainda mesmo que não prestem para mais nada, hão-de passar á historia pelo merecimento de arrancarem o monarcha, por alguns dias, ás mãos d'aquelles bandidos. E era demais. Philarmonicas, discursos, uma praga!

El Rei foi respondendo a todos com paciencia evangelica, mas iam-lhe, em summa, escasseiando formulas novas de os mandar para o diabo.

Bemditas sejam portanto as manobras da primeira divisão, que, de resto, hão-de levar ao estrangeiro a desconfiança de que tambem nós, apesar de obscuros, somos capazes de offerecer ao mundo civilizado um chá de primeira ordem.

A fracção mobilizada do nosso exercito manobrá na hypothese de um exercito invasor, vencendo todas as resistencias erguidas no seu trajecto,—irra!—ter invistido a linha de defesa entre Mafra e Via Longa, atacando-a com denodo, rompendo-a em Montachique e em Fanhões, repellindo as forças que...

Agua! agua! deem-me agua!

Felizmente tudo aquillo é uma hypothese, porque, se realmente um exercito invasor tivesse praticado todas aquellas proezas, se houvesse um inimigo de coração tão duro que assim viesse perturbar a nossa paz domestica, está-me parecendo que não seria prudente confiarmos absolutamente nas manobras da primeira divisão, e que o mesmo patriotismo recommendaria a concentração de todos os portuguezes, mancebos, velhos e creanças, nas vizinhanças do Sabugo, para n'um brado unisono, aterrador, supremo, lançarmos pela Europa adiante um grito immenso de guerra:

—O' da guarda!

E, quando as hostes contrarias ainda assim não respeitassem a gente lusitana, teriamos ao menos a gloria incontestavel de havermos succumbido heroicamente, a pedir socorro.

E comtudo, o nosso exercito merece toda a confiança. Está muito bem de pennachos.

De laminas, é certo, está tremidinho. Quando ha pouco, na revista da Avenida, um capitão de caçadores

2 ensaiava a tempera da durin'ana, firmando n'ella o busto extenuado, foi-se! Mas é bem feito. Já ha mais tempo devia ter-se determinado pelo ministerio respectivo, que os officiaes portuguezes usassem espadas de pau.

No que respeita á disciplina, cessaram completamente todas as nossas apprehensões. A soldadesca não pode nada contra os superiores, pela simples razão de estar em minoria.

Vamos, pois, ás manobras do Sabugo, e veremos até que ponto é capaz a lusa gente de repellir a invasão assoladora e terrivel de um exercito de hypotheses.

I-to, se o Patriarcha der licença. Quem pode lá jurar que Sua Eminencia nos não leve a mal este facto de sairmos as portas, ao domingo, antes da missa? Podia dar-lhe para ahi, como lhe deu para prohibir exequias por alma de Antonio Augusto d'Aguiar, que, aliás, quando ministro das obras publicas, bastantes recursos proporcionou a reedificação de egrejas e fundição de sinos.

Sua Eminencia vem tarde. Faz mal até em contestar a um morto, e a um morto illustre, a consagração do seu catholicismo. Isso desperta no espirito da gente a desconfiança de que são bem inuteis as bênçãos do Papa, junto de um cadaver incontestavelmente glorificado pela sciencia e pelo trabalho, que são agentes profanos e, pelo que parece, mil vezes mais efficazes do que todas as preces do Patriarchado.

Sua Eminencia, vê-se isto agora, prestando o seu latim á memoria de Antonio Augusto d'Aguiar, trabalhava para si, apenas. O homem eil-o cercado ainda, mais do que nunca, da sua aureola de gloria, privado aliás dos soccorros que do eminente José os crentes impetravam. A Egreja, se é isso a Egreja, eil-a odiada por todos os amigos do homem, que eram muitos, e cujas preces, reflectidas n'uma campã, iam erguer-se ao altar onde frei José officia, o que lhe daria uma parcella de prestigio que não é já para desprezar, n'estes tempos em que vae bem longe a superstição que, antigamente, de cada padre fazia um santo, ao mesmo tempo que de Deus fazia um monstro.

Esta questão de crenças estava a'ê já bem morta. Todos somos catholicos romanos sem bem sabermos porquê, nem para quê. A influencia clerical está reduzida modernamente a uma questão de praxe, de forma, de elegancia.

Houve um tempo em que a heresia fez *pose*. A excommunhão papal chegou a ser o alvo supremo de muitos filhos do Senhor. Pois até isso passou! Até isso se foi!

Não quiz, porém, o Patriarcha que as coisas assim permanecessem.

Sente-se forte, quer novamente a luct. Quer um grandissimo disparate!

Aqui estou eu, que ainda ha pouco comprimentava respeitavelmente a frei José, por elegancia, e que n'este momento sinto profundos desejos de embirrar com elle. E, como eu, muitos outros.

Verdade seja que frei José pode, de uma assentada, excommungar-nos a todos, mas, nas circumstancias actuaes, visto que por impulso do patriarchado, voltámos alguns annos para traz, isso e o que nós queriamos era a mesmíssima coisa.

Olhe, meu Padre, peço-lhe até uma coisa: Excommungue de caminho esta maldita chronica.

D. Miguel, a sua família e as camaras constitucionaes portuguezas

V

A insurreição das Marnotas, insurreição que mal chegou a manifestar-se, apesar de contar, ao que se diz, com elementos serios, rebentou no dia 13 de maio de 1837, e entretanto, as guerrilhas do Remechido e de outros traziam revoltas as provincias do Sul. Tudo isso porém foi suffocado com uma facilidade extraordinaria, como o foi igualmente a revolta dos marchaes. Parecia que os setembristas estavam solidadamente radicados no poder, d'onde caíram comtudo tão depressa, apenas rebentou no Porto a contra-revolução que restabeleceu a Carta. E' que não eram elles que estavam consolidados no poder, era a liberdade que estava radicada em Portugal; e, apesar de todas as dissensões e de todas as discordias, tudo o que podesse destruir a encontrava uma resistencia instinctiva em todos os espiritos. A appareição das guerrilhas miguelistas, a conspiração das Marnotas, e as esperanças que por toda a parte se manifestavam no seio do partido de D. Miguel, não concorreram pouco, de certo, para que a revolta dos marchaes, apesar do prestigio supremo que rodeiava, sobretudo n'esse anno de 1837, os nomes heroicos de Saldanha e da Terceira, se malograsse completamente.

D. Miguel, entretanto, sonhára tambem com uma restauração, e chegou a botar programma. Esse documento era curioso por muitos titulos. O author das *Estatísticas parlamentares* poz em relevo algumas das curiosidades d'esse documento; não sublinhou porém uma, que é talvez de todas a mais importante.

Já a vamos citar; mas antes d'isso, sigamos a proclamação passo a passo.

Esse anno de 1837 fôra realmente um anno critico para a liberdade peninsular. Em Hespanha a guerra carlista chegára ao seu apogeu; em Portugal a liberdade parecia periclitár e estar prestes a succumbir, victima da anarchia.

D. Miguel dirigiu-se então aos Portuguezes; dizia-lhes que se lembrava d'elles a cada instante, e que ha muito tempo a elles se teria dirigido, se não fosse o receio de aggravar os seus males.

«Hoje, porém, continuava elle, esta reserva, este silencio teria sido um crime, e provaria eu não ser o vosso melhor amigo e o vosso carinhoso pai, se o guardasse por mais tempo. Vejo sim e com que estremecimento e afflicção! vejo que a mais hedionda e feroz anarchia se prepara e se ensaia para derramar sobre vós, ao primeiro aceno, estragos, desolação e morte; e, se eu reconheço que esses mesmos horrores necessariamente hão-de abrim-me o passo, e facilitar a minha restituição ao throno que me pertende, por certo que não quizera deveh-o a uma tão desastrosa circumstancia, nem fazer a minha entrada sobre montões de cadaveres e sobre as mais lastimosas ruinas.»

Não era extramamente habil o redactor d'este programma. Não só fallava n'este paragrafo na facilidade que a restauração encontrava na anarchia que devastava Portugal, mas ainda insistia mais uma vez n'esse ponto.

D. Miguel, em vez de apparecer como um libertador, apparecia como um ambicioso, que mal consegue disfarçar a alegria que lhe causam os males da patria, que elle reconhece que lhe *facilitam a restauração*. A phrase é infeliz, e mostra que a inhabilidade dos que aconselhavam D. Miguel no exilio não era inferior á dos que o aconselharam no poder. «Estremeço, dizia D. Miguel, aperta-se-me o coração sobre a sorte de cada um de vós... porém, nunca os céus depiraram ensejo mais propicio do que o actual para uma restauração.

E' revoltante, debaixo do ponto de vista moral e não menos revoltante debaixo do ponto de vista politico, este homem que vem dizer cynicamente: E' pena que a patria esteja padecendo horriavelmente, mas em todo o caso a occasião é excellente para uma restauração, é ao ceu que eu devo esta ventura, e vamos a aproveitar a oportunidade. O homem que diz isto procede de um modo verdadeiramente odioso, e é necessario que seja muito inhabil quem o aconselha, para lhe distribuir semelhante papel.

O que D. Miguel deveria ter dito era o seguinte: Em quanto os Portuguezes viveram tranquillos, embora dirigidos por um governo usurpador, com instituições nefastas, etc., preferi resignar-me ao meu destino a ir perturbal-os e aggravar os seus males; mas agora, que a anarchia os dilacera, o meu dever é acudir-lhes. Não me move a ambição de recuperar um throno, mas unicamente o desejo de pôr termo aos males que dilaceram a patria, etc., etc. Saltava aos olhos essa formula, e muito pobre estava o partido miguelista de homens de algum valor, para que, em vez de uma proclamação d'este genero, saísse a que appareceu.

Depois, D. Miguel tratava de se defender e de se defender frouxamente. Pois serei eu, dizia elle, um monstro como por ahí dizem, quando a maioria dos Portuguezes me quer e me deseja? Tinha uma certa graça discutir n'uma proclamação se era monstro ou não era, e é n'esse ponto que apparece a phrase curiosissima a que alludimos ha pouco: «Acaso terei eu sido o primeiro

soberano que fosse enganado, illudido e atraído? E serei tão infeliz que pouco ou nada aprendesse na escola da adversidade, que tão util e vantajosa costuma ser ainda mais aos soberanos do que aos particulares!»

Não é curiosissimo ver D. Miguel reconhecer que muita razão tinham os que o accusavam, tanto assim que promettia emendar-se, e affirmar que muito aprendera na escola da adversidade? Era caso para se lhe dizer que não tivera tempo ainda para completar o curso, e que quatro annos da escola da adversidade não chegaram não só para o doutrar, mas nem sequer para fazerem d'elle um bacharel. E, se a escola da adversidade era pintada com tão formosas côres, não havia razão para que a abandonasse tão depressa.

Promettia depois amnistia geral, mas exceptuava os assassinos e os sacrilegos. Seria muito justo exceptuar os assassinos, se se soubesse bem o que é que o governo de D. Miguel entendia por esse termo, e como é que elle tencionava averiguar quem estava comprehendido n'essa cathogoria. Emquanto aos sacrilegos, estava um grande grupo d'elles muito claramente definido: eram os que tinham comprado bens dos conventos. Não se podia ser mais habil! Promettia destruir a propriedade reconstituída em novas bases, ferir mortalmente interesses creados de novo. Era o cumulo da conciliação.

Tambem este programma de paz e de concordia tinha uma boa data: era datado de Roma, do dia 2 de novembro de 1837, dia de finados. *De profundis*.

Fazia bem! O miguelismo estava enterrado para todo o sempre.

Nos dois annos immediatos fôram caindo successivamente nas mãos dos constitucionaes, summariamente julgados e fuzilados, os principaes guerrilheiros de D. Miguel: a 2 de agosto de 1838, o Remechido; a 2 de dezembro do mesmo anno, o Collas, e finalmente a 10 de dezembro de 1839, foi preso tambem o filho do Remechido. O modo como foi tratado é honroso para o governo. O filho do Remechido vinha doentissimo; o coronel Fontoura não o quiz julgar e mandou-o tratar no hospital com muita caridade. Uma portaria assignada pelo barão da Ribeira de Sabrosa approvava e louvara esse procedimento.

A 11 de dezembro de 1839 falleceu no hospital de Faro o intrepido guerrilheiro, que D. Miguel fizera successivamente coronel de cavallaria, como fizera marechal seu pai.

Apezar da guerra civil em Portugal passar quasi ao estado chronico, nunca mais D. Miguel pode levantar a bandeira da insurreição. Infelizmente os setembristas entenderam dever reclamar o seu auxilio, e já em 1844 o pediram para sustentar a luta contra Costa Cabral. N'essa occasião oppoz-se D. Miguel a que houvesse uma alliança que não tivesse por base o reconhecimento pelos setembristas de algumas das bases essenciaes do credo miguelista. E' claro que não foi accete a proposta.

Em 1846, os miguelistas desistiram d'essa pretensão e auxiliaram energicamente a junta do Porto. Como em 1837, não correu isso pouco para alienar sympathias á junta revolucionaria.

Os liberaes ingenuos, não podiam imaginar que houvesse uma situação que fosse a da defeza da patria contra o estrangeiro, que tornasse legitimo o combaterem á sombra do mesmo estandarte o general Povoas e Sá da Bandeira, McDonell e o conde das Antas. Os episodios curiosos a que deu logar essa alliança hybrida, conta-os admiravelmente, n'alguns dos seus livros, o nosso grande escriptor Camillo Castello Branco.

Sai essa narrativa porém fôra do quadro dos nossos artigos, e no immediato e ultimo nos referiremos aos dois projectos de lei que fôram apresentados nas côrtes para ser revogada no todo ou em parte a lei de 19 de dezembro de 1834, e ao papel desempenhado por alguns deputados miguelistas, que de vez em quando entenderam dever entrar na camara, para alli defenderem as suas idéas.

PINHEIRO CHAGAS.

MORTA ADORADA

Quando eu a vi morrer—a minha esposa casta,
A minha doce amiga, o anjo do meu lar,
N'esse transe cruel, n'essa hora nefasta,
A dôr.—como um tufão que arrasa e que devasta—
As fibras do meu ser senti despedaçar.

Ella era a Biblia santa onde eu, inebriado,
Aprendera do amor a mysteriosa lei;
Astro que me envolvia em seu clarão sagrado,
Quando fitava em mim o olhar enamorado,
Esse limpido olhar que eu nunca esquecerei.

Ella era para mim o que é p'r'a ave o ninho,
E o orvalho do céu p'ra sequiosa flor;
Tinha dentro do seio um poema de carinho,
E o seu candido affecto iriava-me o caminho
De uma dourada luz vibrante d'esplendor.

N'um doce e mutuo enlevo, idyllio ethereo e vago,
Boiavam docemente as nossas almas sãs,
Sem vil-as perturbar um sonho mau, presago...
Como dois cysnes vão boiando á flor de um lago
Onde se espelha o sol das limpidas manhãs.

Os nossos corações, unidos pelo laço
De um affecto sem par, fundiam-se ambos n'um,
Como se funde a luz do luar co' azul do espaço!
E liados assim, em carinhoso abraço,
Eram como se fosse um coração commum!

Romanzas joviaes, de ethereas melodias,
Dentro do nosso peito o amor vinha entoar;
Voavam junto d'ella as horas dos meus dias,
E as minhas ambições, as minhas alegrias
Cifravam-se sómente em vel-a e em n'adorar.

Mas tudo se esvaiu bem como um vôo d'ave
Que rapido cortou o azul da immensidão:
Do meu sonho d'amor, tranquillo e tão suave,
Eu acordei, ouvindo o som funebre e grave
Que produz, ao fechar se, a tampa de um caixão!

Levou-me tudo a morte, a sepulchral hyena,
Ao cravar-lhe no seio as garras bestiaes!
Levou-me tudo, sim!... Só me deixou a pena
De ver tombar inerte a pallida assucena,
A flor do meu affecto a quem eu queria mais!

Agora vejo o mundo envolto em densa treva;
Os astros pelo azul não vejo scintillar...
Baixel desmastreado em que a tormenta ceva
A furia collossal—eu sinto que me leva
Pelo oceano da vida um negregado azar.

Vencido pela dôr, em funda magua absorto,
Eu choro a minha estrella, o meu perdido bem,
E ninguem haverá que ás trevas do meu horto
Possa trazer a luz suave de um conforto,
De uma consolação, siquer!... Ninguem, ninguem!

Ninguem! que a dôr immensa em que o meu peito aneia
—Como a hera em redor do tronco que a amparou—
Cada vez mais e mais o coração me enleia!
Perdido o meu amor, de fundas magoas cheia,
Sem iris de bonança, a vida me ficou.

* * *

Doce morta adorada! O' pomba que fugiste
Tão cedo ao columbario, e em gélido torpôr
Sob a fria algidez da campa te sumiste!
Sobre ti pairará, eternamente triste,
Meu espirito acurvado ao pezo d'esta dôr!

E se possivel é a voz que se estremece
Ouvir-se para além das lousas sepulchraes,
Tu has-de ouvir chorar minha alma, que padece,
E responder, talvez, com soluçante prece,
Aos meus ais de saudade, aos meus doridos ais!

1887—Setembro, 8

MAGALHÃES FONSECA.

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 11)

X

O dr. Hermano

E quando chegou a epocha da abertura da Universidade, Hermano partiu para Coimbra.

O pequeno não havia d'ir sosinho para aquella terra onde nunca tinha ido, onde não conhecia pessoa alguma e onde tantos perigos esperavam a sua mocidade inexperiente, na convivencia bohemia dos Academicos, nas troças tradicionaes aos calouros, nas pandegas legendarias dos estudantes de Coimbra.

—Nada, o rapaz não pode ir para lá só, ponderou assustado o pae Simões; fraquinho como é e com os olhos completamente fechados como elle tem, se lá o apanham, dão-me cabo d'elle.

A mãe, toda aterrada, abundava nas idéas do pae, e tinha de noite pesadellos em que via o seu Hermanosinho mettido entre uma leva de estroinas e de tricanas, de cigarro na bocca, copo de vinho na mão, tocando guitarra pelas noites de luar, e cantando canções obscenas em coros avinhados.

—Mas como hade ser isto? O que se hade fazer?

—O rapaz podia ir para a escola do Porto, que é aqui mais perto de nós, mais debaixo das nossas vistas, lembrava a mãe.

—Qual Porto nem meio Porto! O Porto não faz doutores, e eu quero que o rapaz me saia doutor devéras.

—E se o mandassemos para Lisboa? Temos lá a tia Ursula, continuava a mãe, lembrando.

—Para Lisboa? Tu estás doida! Lisboa tambem não faz doutores, e é muito peor que Coimbra. Lisboa é o foco de toda a desmoralisação: se o mandassemos para lá, era o mesmo que mettel-o na bocca do lobo. Lisboa é o demonio; aquillo é um inferno. Em Coimbra, ao menos, só ha estudantes e tricanas; mas em Lisboa ha de tudo isso, e ha os vadios, os estroinas, os fidalgotes, as hespanholas, as bailarinas, as comicas, os theatros sempre abertos e os cafés, o demonio! Isso nem por sombras!

—Tens razão, tens, concordou logo a mãe, espavorida com esses perigos novos que seu marido enumerava. Nem por sombras. Do mal o menor; antes Coimbra.

—Está bem de ver! Antes Coimbra, que demais a mais é a unica parte onde se fazem doutores bem feitos, tornou o pae, voltando á sua.

Mas então repararam que depois de todas essas discussões tinham ficado na mesma: o problema estava ainda por resolver, tal qual como no principio.

Ja para Coimbra o pequeno estava decidido; mas quem havia d'ir com elle, para o vigiar, para o apaparicar, para não o deixar andar em pagodes?

E por mais que procurassem, não achavam ninguem a quem incumbissem a delicada e importante missão de tomar conta no Hermanosinho.

—Olha, o melhor, o verdadeiro, disse a mãe, era nós irmos com elle.

—Nós?

—Sim, era o mais seguro.

—Mas como haviamos nós d'ir? Havemos de deixar a nossa casa?

—Deixal-a por pouco tempo, enquanto o Hermanosinho se forna.

—Qual pouco tempo! Seis annos, pelo menos, e isto dado o caso do pequeno poder aguentar com a carga. Cinco annos para sahir bacharel, e mais um anno para sahir doutor, porque sem isso, o ser doutor não serve para nada.

—Então, podemos fazer uma coisa...

—O que é?

—Eu vou com elle... e tu ficas em casa a tomar conta dos trabalhos, a dirigir a lavoura; e todas as vezes que poderes, dás lá uma assaltada... Nas ferias vimos todos para cá...

—Sim, só se fôr assim, concordou provisoriamente o pae Simões, reservando-se para estudar o assumpto.

Estudou, e estudou maduramente.

Era o que havia de melhor a fazer, concluiu elle d'esses estudos.

E quando chegou a epocha da abertura da Universidade, e Hermanosinho partiu para Coimbra, acompanhado por seu pae e sua mãe.

Depois de abertas as aulas, depois de ter visto seu filho, de batina, tomar assento nos bancos d'aquelle templo da sciencia, o pae Simões voltou para o Minho e o Hermanosinho ficou em Coimbra, na companhia de sua mãe.

O pequeno começou a ter amigos, e a abrir um bocadinho os olhos, mas lá estava a mãe, sempre de atalaia, para lh'os não deixar abrir de mais.

A vida de estudante de Coimbra, que ordinariamente é para os rapazes cheia de liberdade, foi para o Hermanosinho tão aperreada como o tinha sido a sua vida de estudante do Lyceu em Braga.

Da Universidade para casa e de casa para a Universidade, eram os seus unicos passeios. De vez em quando os collegas teimavam com elle, levavam-n'o a alguma pandegashinha, mas quando voltava de se divertir, tinha tantos sermões de sua mãe, e d'ali a dias cartas tão severas de seu pae, que por fim o rapaz começou a fugir d'esses passeios, e os amigos a deixarem de o convidar.

Demais a mais Hermano era, de seu feitio proprio, pouco dado a festas, muito concentrado, mettido comsigo. A educação que de pequenino levára mais lhe tinha apurado ainda esse feitio, e portanto foi sem muito custo que as prégações da mãe e as reprehensões epistolares do pae conseguiram amarrar-lhe os braços que elle ia principiando a deitar de fóra.

O perigo maior foi nos primeiros tempos, no primeiro anno, sobretudo; depois, estudante distincto, porque a sua vida pacata e as suas tendencias ao estudo levaram-n'o a applicar-se muito, a saber todas as suas lições sempre na ponta da lingua, o Hermano começou a ser conhecido por toda a Universidade, a ser considerado como um excentrico, e ninguem mais o desafiou para festas e divertimentos.

Quando se fallava no Hermano, os seus collegas diziam todos:

—E' um magico!

E não pensavam mais n'elle.



Os Sete Peccados Mortaes - 2.ª PARTE: AVAREZA—(Specimen das gravuras)

Quando estava exactamente quasi a doutorar-se, quando lhe faltavam apenas dois ou tres mezes para tomar capello, seu pae estourou na sua quinta do Minho com uma apoplexia fulminante.

Deus não lhe fez a vontade, coitado! de lhe deixar ver seu filho doutor!

A morte do pae Simões surpreendeu tristemente Hermano e sua mãe.

Depois de choradas muitas lagrimas sinceras, a viuva teve que deixar seu filho em Coimbra sosinho, agora já sem receios, porque Hermano estava já um homem, e um homem de muito juizo, o modelo dos rapazes, pacato como um santo abade e serio como um juiz, e teve que ir ao Minho tomar conta da casa, abandonada tão abruptamente pela morte de seu marido.

Foi, e quando chegou e começou a examinar o estado em que estavam os seus negocios, ficou verdadeiramente aterrada.

A casa estava cheia de dividas: na arca não havia nem um real, e os credores surgiam de todos os lados, como d'antes os coelhos saltavam nas suas fazendas.

Como fôra aquillo?

A sua casa não era das mais abastadas do Minho, com certeza; estava mesmo muito longe de ser uma casa rica, mas tinha uma fortuna muito razoavel, mais que modesta, e dava-lhes para viver com certa largueza.

Como fôra então que de repente tudo isso desaparecera, e as dividas tinham vindo substituir os seus dobrões?

Demais a mais os annos ultimos tinham sido magnificos para os lavradores. Todos os seus bens eram em terras, em fazendas, e graças ás estações muito favoraveis á agricultura, que tinha havido, essas fazendas e essas terras tinham produzido muito, tinham produzido tanto que deviam ter coberto bem as despezas a mais, que a educação de Hermano e a sustentação de duas casas tinham trazido para o orçamento do pae Simões.

E a mãe de Hermano sabia muito bem isso, sabia perfeitamente que os annos tinham sido prosperos e que os seus cabedões deviam ter augmentado consideravelmente.

E de repente achava-se senhora da casa, o que equivalia a ser senhora de coisa nenhuma,—e via todas as suas fazendas hypothecadas, todas as suas casas vãs?

Como explicar essa ruina tão inesperada?

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

VIDA LITTERARIA

ARSÈNE HOUSSAYE

(Paulo Giniaty)

Arsène Houssaye personifica, na actualidade, um curioso exemplo de labor incessante, de vigor mental.

Na idade do repouso, no periodo esteril, Arsène Houssaye trabalha como um *debutante*.

O espirituoso escriptor possui o renome, a riqueza, as recordações provenientes de situações brilhantes; envolve-o tambem a amavel e risonha legenda de parisien e intransigente.

Ultimamente, Arsène Houssaye recommençou a publicar uma serie de volumes, testemunhando um extraordinario ardor, como homem que ama a vida e que lhe aspira, sofregamente, todas as refinadas voluptuosidades.

«Sinto refflorir no coração um bouquet de mocidade,» declarou elle, recentemente, nas suas *Confissões*.

Essas picantes memorias reviveram toda a chronica de meio seculo.

Arsène Houssaye está gosando o verão de S. Martinho do escriptor.

Ha quatro ou cinco annos, o elegante plumitivo experimentou a sua crise de fadiga, deitou fôra a penna, convencido de que, fosse qual fosse a opinião formulada a seu respeito, era sufficiente a sua bagagem litteraria.

Mas não se perde facilmente o habito de ter espirito; demonstra-o uma collecção de novos volumes, *Douze nouvelles, la Comédienne, les Onze mille vierges*, e hontem ainda, um outro romance, *Madame Lucrèce*, sem contar os artigos espalhados por todos os jornaes, as reimpressões de poesias e theatro, onde se acha exarado esse estranho drama, outr'ora prohibido pela censura, *le Roi Soleil*.

Durante alguns mezes, o decano da litteratura encheu, quasi,

um raio de bibliotheca, como se se tratasse de ganhar as suas esporas.

Não são muito frequentes os exemplos de uma tal actividade, e equivale ella a uma *coquetterie*, nada banal, em um homem que se estreiou na bohemia romantica, e que é hoje o unico representante de uma epocha, que se nos afigura já bem remota.

A' ultima hora, Arsène Houssaye emprehendeu fundar uma revista, de um genero novo, refractaria á austera gravidade que caracteriza identicas publicações, e impregnada do parisienismo quinta essencia.

O infatigavel paladino ambicionou voltar á estacada litteraria, para ahí emitir a sua opinião sobre os homens e as cousas da actualidade.

Ser sempre moço de coração, corresponde a um requinte de delicadeza para com a vida humana, sempre mais ou menos empenhada em desflorir-nos e envelhecer-nos.

E' a antiga *Revue de Paris*, que Arsène Houssaye se propoz resuscitar, accrescentando lhe a epigraphe «*de S. Petersburgo*».

A orientação da sua politica encaminha-se para a alliança russa.

Arsène Houssaye escreveu:

«Para determinar essa grande corrente de sympathia entre os dois paizes, os diplomatas podem muito menos do que os escriptores. A ciumenta e egoista Politica não admittirá, talvez, esta affirmativa, mas o que é certo é que para a fusão das idéas, o livro vale mil vezes mais do que as mensagens confuzidas por correios de embaixada.»

A predilecção do fino estylista pelos russos, origina-se em motivos particulares.

Arsène Houssaye é o unico escriptor francez ao qual a Academia russa conferiu a honra de um diploma.

Alexandre II offereceu-lhe o emprego de director das bellas artes e dos theatros, na Russia.

Mas embora Petersburgo seja uma cidade bonita, nem por isso é menor a distancia que a separa de Paris.

Arsène Houssaye recusou, e satisfez-se em ver, como Didrot, um academico russo... de longe.

A antiga *Revue de Paris*!

Quantas memorias ella evoca!... Foi nas suas columnas que Musset se estreiou, publicando os *Vœux steriles, Octave, Pensées de Raphael*.

Balzac, Dumas e Janin tambem alli collaboraram.

Mais tarde, alliou-se á *Revue des deux mondes*, sendo seu director Felix Bonnaire, inspirado por Buloz.

A redacção da *Revue de Paris* estava estabelcida na rua das Beaux Arts; alli se reunia o creme da litteratura franceza.

Arsène Houssaye descreve o aspecto da sala.

«Eugenio Sue contava cousas extraordinarias, Gczlan tinha o dito imprevisto, Theophilo Gautier era sempre inverosimil, Sainte Beuve pronunciava a espaços uma phrase arrojada, Planché mostrava-se muito mais alegre do que a sua critica, Musset asseteava-nos de epigrammas, Castil Blaze e Henri Blaze fugiam um do outro... Não raro, os filhos de Buloz, evadindo-se aos braços da mãe ou da governante, traziam-nos as suas bonecas e os seus piões, sem suspeitarem que os redactores da Revista eram homens assignalados pelo sello divino!

«A *Revue de Paris* atravessou destinos movimentados, interrupções, periodos difficeis e periodos brilhantes, sob direcções de todos os matizes. Ella suggere sempre memorias litterarias curiosissimas.

Quantos estudos, que promettiam um longo desenvolvimento, ahí foram começados!

Foi na *Revue de Paris* que os Goncourt publicaram essa extravagante novela, *Monsieur Chut*, onde ha um eterno duello entre dois adversarios, que sem cessar se desafiavam, primeiro volume de uma serie que deveria synthetisar a historia intima do seculo XVIII.

Foi tambem ahí que Gautier deu á estampa o *Shakespeare aux Funambules*, um dos seus mais scintillantes paradoxos litterarios

Ao tempo em que Houssaye dirigia a *Revue de Paris*, recebeu um dia a visita de um debutante, que lhe trazia um artigo de critica litteraria. Esse debutante chamava-se Henrique Rochefort. O artigo foi aceite, mas por uma serie de circumstancias, não se publicou nunca

N'esse mesmo jornal referiu Luiz Ulbach toda a historia da *Madame Bovary*, das legendarias correcções a que o romance foi submettido e do processo de factura usado por Flaubert.

Sabese que, dois annos depois, se reacendeu, a proposito d'essas correcções, uma polemica violentissima.

A *Revue de Paris* fazia n'essa epocha (1856) uma accentuada opposição ao imperio.

Pontmartin chamava aos seus tres redactores os *tres polacos*.

O olho colerico de Napoleão pesava sobre a dissidente.

O governo alimentava a esperanza de a ver succumbir nos debates suscitados pela *Madame Bovary*.

Não succedendo assim, assassinou-a por suas proprias mãos, mandando-a supprimir dois annos mais tarde.

O que será a nova *Revue*?



O CARNAVAL

Entre os seus collaboradores figuram partidarios de todas as opiniões.

Mas a que subsiste em qualquer d'essas individualidades é esta: ser parisiense!

GUI MAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ MARIA DA SILVA, O «CARMELLO»

Parece um *gentleman*, mas não é: é um vassoureiro, *doub'ê* d'um fabricante e passador de moeda falsa.

Data de poucos dias a noticia de que fôra preso em Elvas e recolhido na cadeia d'aquella cidade, o vassoureiro José Maria da Silva, o «Carmello», pelo crime de fabricante e passador de moeda falsa.

O «Carmello» teve um bom mestre e aproveitou-lhe as lições. O celebrado «Pera de Satanaz» conviveu com elle, iniciou-o nas suas industrias, deu-lhe os seus conselhos.

Ha tres ou quatro annos, já depois de ter iniciado os seus «trabalhos» com um roubo praticado em Evora, foi o vassoureiro Silva apanhado em Alcantara, por andar passando moedas de 500 réis falsas.

A policia assaltou-lhe a sua loja de vassouras e mais productos correlativos, deu-lhe busca á casa de habitação, e taes elementos arranjou para provas de criminalidade, que o vassoureiro jazeu dois annos no Limoeiro, de onde saiu ha mezes.

—Boa lição, pensarão os leitores; deve ter-lhe aproveitado.

Puro engano. O homem tomára amor ao mister de fabricante de moeda, e se não offereceu os seus serviços á fabrica do estado, foi certamente porque é amador dos trabalhos em liberdade.

A policia prendeu-o no largo do Rato, pelo facto de andar pelos estabelecimentos fazendo compras com dinheiro falso.

Esse processo tem-o elle em aberto.

Contumaz no mesmo genero de crime, foi viajar para o Alemtejo, no proposito de exercer por lá a industria que aqui se lhe tornava perigosa. Era já tão conhecido!

Foi ha dias ainda que veiu noticia da prisão do heroe, facto que foi participado ao commissario da 1.ª divisão, o qual não descansou sem colher provas que fulminassem o criminoso.

Aquelle magistrado tratou em primeiro lugar de deter a amante do vassoureiro, e de dar uma busca á sua residência.

Essas diligencias deram os mais proficuos resultados.

O «Carmello» mandava comprar pela amante algumas duzias de colheres de Britannia, que se vendem em uma loja de ferragens da praça da Figueira. A mulher fazia ameudadas vezes essas compras, mas não despertava desconfianças. As colheres eram para revenda, dizia ella.

O «habil fabricante» derretia o metal, que se prestava admiravelmente ao criminoso fim, pela côr e pelo toque, servia-se de umas fórmas de gesso, fazia a sua fundição, e terminada ella dava cabo de todos os utensilios. Seguindo os conselhos do «Pera de Satanaz», nem a propria amante deixava assistir ao trabalho.

A sua habilidade estava provada na perfeição das moedas de 500 réis que lançava no mercado. Misturadas uma ou duas com meia duzia ou uma duzia de moedas authenticas, não era facil distinguir as ruins, a não ser com um detido exame.

De nada lhe valen a precaução, porque a policia conseguiu pôr tudo a limpo e acabou de remetter para Elvas a amasia do criminoso.

O «Carmello» é, como os leitores podem ver pelo seu retrato, um sujeito «bem posto», *sympathico*, ajanotado.

Não sabe ler nem escrever, mas é bem fallante. Exprime-se com facilidade e por modo muito superior ao que é de esperar de um homem sem educação.

Tem o seu officio, que podia proporcionar-lhe recursos para uma vida honesta. Tinha já a sua loja, indicio de que no exercicio da sua profissão não era dos mais infelizes, e comtudo não se dava por satisfeito. Ambicioso e desatilado, queria mais e muito mais, que lhe permittisse fazer figura superior á que podia ter no seu meio social, e essa ambição perdeu-o.

E' o que afinal acontece a muitos outros.

OS SETE PECCADOS MORTAES.—(2.ª PARTE:—AVAREZA.
Specimen das gravuras)

A gravura de pagina, que hoje damos, pertence á segunda

parte do notabilissimo romance de Eugenio Sue, *Os Sete Peccados Mortaes*, verdadeira epopeia de todos os vicios, que a Empreza editora de publicações illustradas está publicando, com espantoso exito, traduzida por Pinheiro Chagas.

A edição do romance é luxuosa, e, sem duvida alguma, a mais rica que até hoje se tem feito no nosso paiz.

O CARNAVAL

Eil-a, a personificação do carnaval, doido, estonteado, violento como um tufão de alegria, que passa derrubando os moveis e as flores, e, não poucas vezes, derrubando os corpos para a sepultura, exgotados de forças pelo prazer e pela orgia.

Certo é que ha uma grande verdade em toda esta allegoria, mas não é menos certo que, nos futuros bailes de mascaras, tentemos foliar um pouco, se lá chegarmos.

MODAS

TOILETTE DE NOIVA

Damos hoje o figurino d'uma elegante *toilette* de noiva, em *peau de soie*. Saia aventalada por uma quilha de renda Renascença, emmoldurada por grandes machos armados a toda a altura da mesma. Grande cauda, unida á cintura por pregas franzidas; pequenas anquinhas, apanhando aos lados com dois laços. Corpete de bico, com rebuçado aberto sobre *plastron* de renda Renascença. Gola á militar, com um raminho de flôr de lorangeira junto ao pescoço. Mangas lisas, com grandes canhões pregueados. Vão de tulle de seda, pregado á cabeça por um laço alsaciano e prolongando-se até a extremidade da saia.

O MOSTEIRO DE S. SERGIO (RUSSIA)

A nossa estampa representa uma parte do mosteiro J. S. Sergio, situado nos arredores de S. Petersburgo e onde os devotos concorrem em romaria dos pontos mais affastados do paiz.

Contém quatro egrejas, uma casa de invalidos e um cemiterio onde se encontram os tumulos das familias mais distinctas e opulentas.

Não muito distante d'este magnifico templo ficam os castellos de Oranicubarnn e Peterkoff.

ESTUDOS DE HYGIENE

IV

Do modo de tomar os alimentos

Sob a influencia d'uma acção muscular enorme, o homem de trabalho pode digerir os alimentos mais grosseiros; entretanto, tomados pelo meio do dia, sobre tudo se fôrem substancias, tornam o operario mais pezado e menos habil durante a digestão. A' tarde, pelo contrario, esses alimentos reparam as perdas do corpo e a sua assimilação faz-se completamente durante um bom somno. E' tambem para a tarde que o homem sedentario deve reservar a principal refeição, sobre tudo se elle consagrar a noite ao repouso.

Na vida ordinaria e com a alimentação quotidiana habitual, achamo-nos, emquanto dura a digestão d'uma comida, sob a influencia boa ou má das ideias que occuparam o nosso espirito no acto de a ingerirmos.

Se nos assentámos á mesa pensando em coisas agradaveis ou tristes, ficar-nos-ha sempre no espirito, até á refeição seguinte, uma boa ou má impressão.

E' pois d'uma importancia real que, quando nos entregarmos ao acto da refeição, ponhamos de parte todos os pensamentos que se ligam a coisas muito serias, aos desgostos e ás pequenas misérias da vida. Quando comemos, devemos affastar de junto de nós os massadores e os importunos, os portadores de más novas e os sujeitos que sentem prazer em questionar. Durante esse acto, só pode admitir-se a presença de pessoas alegres, que nos sejam sympathicas. Evite-se tudo quanto poder exasperar-nos e alterar a nossa tranquillidade. Se conversamos, só devemos escolher assumptos agradaveis e ligeiros, fugindo de fallar sobre politica e sobre religião. Estas discussões irritam quasi sempre e influenciam desfavoravelmente, durante muitas horas, os que a ellas se entregam.

Depois da comida não succede o mesmo, porque a influencia não é directa.

Uma leitura durante as refeições é preferivel a uma palestra em que se discute.

Emquanto se lê, a mastigação e a deglutição dos alimentos operam-se mecanicamente, tranquillamente, methodicamente. Se, pelo contrario, nos empenhamos em conversações longas e irritantes, succede muitas vezes que, para darmos a tempo uma replica, engulimos pedaços de alimento não mastigados, fatigando assim o estomago.

Na alimentação, ha uma hygiene para cada uma das estações. Sob as nossas latitudes, passamos por todas as temperaturas: invernos muito frios, verões muito quentes, e depois tempo muito humido. D'ahi, a necessidade de reparação e de estimulantes: alimentação tónica, alimentação ligeira e estimulante, alimentação refrigerante e doce.

Entretanto, não se podem estabelecer regras fixas para a escolha dos alimentos, porque os que conveem a determinados temperamentos, não conveem a outros; o que incommoda em certas edades, pode ser salutar em outras.

A constituição de um individuo passa por mudanças successivas; o melhor guia na escolha dos alimentos é o instincto racional e esclarecido.

O homem dos climas septentrionaes, transportado para latitudes mais quentes, arrisca a vida ou pelo menos a saude, se quizer ali continuar o mesmo regimen e os mesmos habitos. Esse homem deve seguir immediatamente o exemplo da gente com quem vive, passando do antigo para o novo regimen por meio de uma transição suave.

Quanto mais caminhar-mos para o tropico, mais solidos devem ser os alimentos que adoptamos.

Alimentos sympathicos e antypathicos

Povos inteiros teem por certos alimentos sympathias e antypathias que, á primeira vista, nada parece justificar.

Os persas adoram os esturjões.

Os russos detestam os camarões e os saveis.

Os irlandes abominam as enguias.

Os inglezes teem horror pelas rãs, enquanto que os francezes fazem d'ellas um dos melhores pratos dos seus menus.

Os habitantes do Sahará engordam os cães com figos e acham a sua carne superior á do porco.

Muitos povos da Africa equatorial teem uma decidida predilecção pelas formigas.

Outros adoram os gafanhotos e as lagartas.

Etc., etc.

Disse Hippocrates:

«Os alimentos que agradam ao paladar, ainda que realmente maus, são preferiveis para a saude a alimentos mais agradaveis mas a que se não está habituado, embora sejam melhores.»

Os melhores alimentos e os mais facéis de digerir, mas que repugnam instinctivamente, eludem, pela contracção que fazem experimentar, a acção do estomago.

As sensações agradaveis que se experimentam ingerindo certos alimentos, provam que existe uma grande affinidade entre elles e o estado actual do organismo.

Pessoas delicadas podem digerir facilmente alimentos duros e compactos, quando os comem com vontade; e podem achar-se incommodadas, tomando alimentos molles e succulentos, pelos quaes teem repugnancia.

O cheiro da assafetida, que nós não podemos supportar, fazia as delicias dos antigos e faz ainda hoje as dos Persas. O cheiro do limão parecia ser, pelo contrario, muito desagradavel aos nossos antepassados.

Do que acabamos de dizer resulta que, no tratamento das doenças, importa muito attentar nos habitos e no regimen ordinario das pessoas.

«Ha menos a temer—dizia tambem Hippocrates—das cousas a que se está desde muito tempo habituado, e possam passar por más, do que das coisas a que não se está habituado e que sejam melhores.»

Da alimentação da primeira infancia

Os primeiros alimentos que a creança recebe, a maneira porque cuidam d'ella nos primeiros annos da sua vida, são o que, sobre tudo, decide do seu temperamento. E' pois na primeira infancia que deve haver o maximo cuidado em tornar solidos e fortes todos os orgãos que teem de presidir á reparação. Desgraçadamente, é isto, quasi sempre, a que os paes menos attendem.

E' o instincto que guia o animal na escolha dos seus alimentos; é ainda o instincto que obra como uma intelligencia superior, tanto para conservar ao animal a sua saude, como para o curar quando está doente. Mas o homem, n'estas coincidencias, está muito abaixo do animal; não ha para elle senão habitos, reminiscencias da mocidade: diz ou faz o que ouviu dizer ou vio fazer por seus paes, como estes fizeram e disseram o que tinham visto fazer e ouvido dizer aos seus antepassados.

D'esta forma, para que se obriga a creança a tomar alimentos que lhe repugnam? Porque lhe não dão de preferencia o que ella deseja, quando n'isso não houver difficuldade?

Responde-se ordinariamente:—E' bom que as creanças se habituem a toda a especie de alimentos.

Este raciocinio não passa de especioso. E' assim que se accumulam sobre o futuro dos pequeninos seres, accidentes e desgraças lamentaveis debaixo de todos os pontos de vista.

(Continua).

CASTOR.

RECUERDO...

O mar, gemente como leão vencido,
soluçando milhares d'epopéas,
vinha expirar, gigante amortecido,
sobre a praia granitica d'areias...

E, lá ao longe, um bando indefinido
e cerulo de timidias napéas
cantarolava em rhythmo dolorido
um hymno de sentidas melopéas...

Emquanto nós, de cima d'um rochedo,
enlevados por mysticos adejos
cheios da graça, d'ilusão e dôr,

sofregamente e ao mesmo tempo, a medo
sorviamos em langorosos beijos
uma ambrosia celica d'amor...

Porto, 1887.

CUSTODIO GUIMARÃES.

O MODELO

Ao meio do atelier transformado em camara ardente, um grande crucifixo entre as duas janellas, as paredes vestidas de negro, avultava o corpo hirto da morta, inteiriçado ao longo do caixão, o nariz aflando-se entre as faces emagrecidas, côr de cera, as mãos em cruz sobre a mortalha, e ao fundo os pés direitos, espetados, calçando sapatos novos.

Diante da cruz esmaiaava lentamente a chamma enfraquecida d'uma lampada de cobre. Em torno um grande silencio, um cheiro doce a alfazema, uma claridade indecisa, poeirenta, atravessando, diluindo-se pelas físgas e roseando os nós opacos das portas das janellas.

Fins de tarde. Quando a noite cahiu silenciosa e tranquilla, envolvendo a natureza toda n'um grande veio de escuridade triste e penetrante, o caixão foi removido para a greja.

Em casa, Fernando e Jorge, os irmãos da defunta, passeavam sem dizer palavra, ao longo do pequeno escriptorio.



1440

MODAS

Aquella irmã era a alegria da casa, era quem os estimulava a trabalhar. Era ella, a pobre creatura pallida, quem resolvia sempre qualquer difficuldade economica d'aquelle ménage.

Mas ve'o a morte e levou-a: e, colhidos, tomados de surpresa por esse desastre tão inesperado, tão cruel, os dois rapazes passeavam inconscientemente, embrutecidos por aquella dôr, e de quando em quando, ao trocarem um olhar, uma lagrima escorria-lhes pela cara, silenciosa, diamantina.

Fernando, o mais impressionavel, tinha crises nervosas de choro, como uma creança; ás vezes, deixava se cahir aniquilado sobre uma cadeira, os braços pendentes, as palpebras descidas; outras vezes punha-se a caminhar vertiginosamente, torcendo as mãos, vergando os dedos, allucinado, tremulo.

Jorge, o outro, recompunha em silencio, olhos no chão, a vida honesta e serena da sua querida morta, via n'uma miragem longinqua algumas scenas do seu passado tão saudoso, e na corrente d'essas lembranças caminhava sempre ao longo do escriptorio, regularmente, automatico.

As onze da noite cahiram solemnes e tristes no relógio da casa de jantar.

—Vamos sair, disse Fernando, preciso ar.

Tomaram os chapéus e saíram. Uma noite deliciosa. O ceu picado d'estrellas, a paisagem recortando-se ao longe, bizarramente, e no ceu, por cima d'um arvoredado cerrado e adormecido, uns laivos rutilos de turmalina,—prenuncios do luar que vinha despontando á flor do azul, glorioso e pallido.

Os dois irmãos foram caminhando silenciosamente, um ao lado do outro, atravessaram a ponte, e lá ao fundo, em pleno campo, tomaram pela estrada vereda que seguia á beira do rio.

Depois foram por uma azinhaga fóra, seguiram pela estrada real orlada de eucalyptus, e assim andaram toda a noite.

Já rompia a manhã quando entraram n'um pequeno logarejo com a sua capellinha branca pegada ao eremiterio rustico e risônico, em cujo passal vojavam grandes phalanges de pombos cõr de perola, ruflando as plumas por sobre as amendoeiras floridas.

Fernando e Jorge sentaram-se nos degraus do cruzeiro, extenuados da longa digressão que vinham de fazer.

A aldeia despertava: os lavradores passavam alegremente, caminhar do trabalho, os rebanhos partiam para o monte, tudo se activava n'um grande labor bucolico.

Os dois irmãos, como que despertados de um mau sonho, olhavam para aquillo tudo, abstractamente, o espirito parado.

Ao longe, entre uma pequenina matta de cedros, entrevia-se uma casa alegre, feita de ha pouco,—delicioso ninho para dois namorados esconderem alli o seu amor juvenil e ardente, ou para dois tristes sepultarem as suas tristezas, tão convidativa era a apparencia d'essa habitação, simples e singela, com certo ar britannico, lavado.

Jorge e Fernando depararam com essa casa ao mesmo tempo e no espirito dos dois passou a mesma idéa: ir viver para alli, n'esse doce exilio voluntario e sereno, onde a lembrança da pobre irmã seria menos cruel do que entre o bulicio enervante da cidade.

*

Alguns dias depois, os dois rapazes occupavam essa deliciosa casa que lhes tinha arrendado o dono, o sr. Mathias.

Jorge era pintor, Fernando era poeta. Assim, logo que se acharam installados, cada um d'elles recomeçou os trabalhos interrompidos com a doença da irmã: Jorge continuou o seu grande quadro, e Fernando o seu poema.

Jorge uma vez precisou d'uma mulher que lhe servisse de modelo. Foi á cidade e trouxe a primeira rapariga que encontrou, uma loirita de dezoito annos, d'olhos claros e cabellos loiros.

Apenas entrou no atelier, Rosalia encheu-se de timidez, immovel, a sombrinha entre as mãos, sem levantar os olhos para os corpos nus que havia nas grandes tellas em esboço.

—Despe-te, disse-lhe friamente o pintor.

E Rosalia, sem dizer uma palavra, começou a despir-se, tirou o corpete, desapertou o vestido de musselina clara, e a camisa branca desprende-se do seu corpo roseo e cahiu-lhe aos pés, deixando-a nua.

A sessão foi larga. O pintor estudava minuciosamente o tom d'aquella carne fresca e saudavel; de quando em quando modificava o contorno, ensaiava côres e assim gastou toda a tarde.

Quando escureceu de todo, o pintor levantou-se e Rosalia vestiu-se. Ia partir quando começou a chover. Então Fernando disse-lhe:

—Não está em termos de irs para a cidade: fica em nossa casa, jantas conosco.

Ella hesitou um instante; depois cedeu.

Jantaram juntos. Fernando, Jorge e Rosalia. Conversaram alegremente, elles faziam-lhe mil perguntas e ella contou a sua historia, um pequenino romance de lagrimas.

Era meia noite quando se deitaram. E, d'essa noite por diante, Rosalia, além de ser o modelo de Fernando, ficou sendo tambem a musa de Jorge.

Os dois irmãos pozeram-se a amar-a ardentemente, e entre Jorge e Fernando rebentou uma grande hostilidade.

Jorge não consentia que Rosalia tornasse a despir-se no atelier de Fernando: Fernando não consentia que Rosalia tornasse a entrar no gabinete de Jorge. Entanto, a pequena loira amava tambem os dois irmãos e amava-os, egualmente, com um grande amor honesto e fundo.

Uma tarde os dois vieram ter com ella e fizeram-lhe ver que aquelle conflicto não podia continuar, que dissesse ella qual dos dois irmãos preferia: deram-lhe uma noite para fazer a escolha.

Ella não respondeu.

De madrugada, abriu cautelosamente a janella do seu quarto, saltou para o quintal e foi, estrada fóra, desnorteada, desfallecida.

Chegou á ponte. Em baixo havia um marulho lento das aguas: no ceu uma grande paz, um grande fulgor de estrellas.

E a pobre Rosalia, suffocada, esvaída, debruçou-se na ponte e lançou-se no rio.

EUGENIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas em verso

Retribuição ao exm.º sr. Antonio Marques Guedes, eximio charadista viziense

Da linda gruta,
Que ha pouco vi,
Trouxe eu a fructa
Que tenho aqui.—1

Que a lingua estala
Dizem. Embora!
Eu vou provar a
E é mesmo agora.—1

Se um bocadinho
O amigo quer
Do tal fructinho,
E' só dizer!

MATHEUS JUNIOR.

Eis aqui, leitor, um lindo animal,—1
Que conta quatro patas para andar;—1
Se metade d'elle lhe acrescentar,—1
Brinco de menino tem.—E que tal?!

Charada conimbricense

Aos MESTRES

Achamos na primeira vertical
Uma peça que serve p'ra cobrir;
Temos na outra certo vegetal
Ou osso que mui bem hão-de sentir.

Devem achar em seguida, animal
Sem d'horizontal prima q'rer sair;
E depois á segunda horizontal,
Latim e portuguez lhe hão-de ouvir.

Reparando com toda a attenção,
Com certeza que dança encontrarão
Ao largo da primeira diagonal.

E na outra, se um L se juntar,
Hão-de ver logo no alteroso mar
Este saborozissimo animal.

Charada em quadro

A todos os leitores da «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»:

Encontrei n'um quintal, caros leitores,	. . . a . . . a . . . a
Este lindo cordão para abotoar;	a . . . a . . . a . . . a
Mas regeitei-o logo com desprezo,	. . . a . . . a . . . a
E depois no mar largo o fui lançar,	a . . . a . . . a . . . a

Pois no jogo, impedir bem me podia . . . a . . . a . . . a
Que estas aves podesse arrecadar. . . a . . . a . . . a . . .

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Pangaio—Goleta—Misericordiosamente—Marte—Alemquer—Penamacôr—Mollete—Girasol—Marreco.

DA CHARADA EM VERSO:—Parma.

DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Para.

DO ENIGMA:—Ukéréué.

A RIR

Calino encontrou uma senhora das suas relações, que não via ha muito tempo, e que vae acompanhada de uma ama, levando ao collo um soberbo *bébé*.

—E' de V. Ex.^a este menino? Que idade tem?

—Quatro mezos.

—E' o mais novo?

X. . . tem um irmão com quem quebrou as relações. Alguem encontra o filho de X. . . e mostra-lhe o tio, que vae passando.

—Aquelle sujeito é seu tio?

—Não, não é.

—Mas é irmão de seu papá!

—Foi, foi, mas quando era pequeno.

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA DE COPIAR SEM INTERVENÇÃO DE PRENSA

Extracto de campeche em pó fino. . .	60	grammas
Carbonato de soda crystallizado. . .	16	"
Glycerina.	60	"
Chromato negro de potassa.	16	"
Agua distillada.	500	"

Junta-se o extracto de campeche e o carbonato de soda em uma capsula de porcellana e junta-se-lhe agua distillada. Aquece-se até á completa dissolução do extracto. Retira-se do fogo e junta-se-lhe o chromato de potassa dissolvido n'uma pouca d'agua e a gomma em estado de mucilagem feita com agua fria.

HISTORIA VULGAR

—Com que, sr. doutor, muito descanso e comidas de sustancia?

—Está visto, se quer que a pequena arribe.

—Não é má esta! Como se os pobres podessem ter descanso e bom passadio! *Vossrias*—Deus lhes perdoe—parece que ás vezes se põem a caçar com a gente. Isso é bem bom de receitar, para os ricos, para os que nasceram nos dias grandes, mas cá p'rá gente, filha dos dias pequenos, vamos, que até quasi dá vontade de rir. . .

—Pois sim, mulher, você tem razão, mas eu não posso dar-lhe o que lhe falta. . . Digo o que entendo e o que deve salvar-lhe a rapariga; o resto não me pertence. Olhe, talvez o prior, ou ali a sr.^a marquezia do Cavez, que é muito caridosa, lhe possa valer; quanto a medico e botica, cá me tem. E metteu-lhe cinco tostões na mão.

A tia Joanna saiu meio a lagrimejar, meio a sorrir, levantando pela mão a creancita a que o doutor acabava de fazer essa desanimadora prophesia, e lá foi murmurando:

—Ai, os pobresinhos, mais valia que Deus nosso Senhor os levassel!

E depois, olhando para a doente:

—E pensar eu que teu pae, se tivesse coração, poderia trazer-te ahí que nem uma princeza! Deixa estar que bom pago ha de ter, se lá em cima ha justiça. E apontava para o céu.

Tinha razão, a tia Joanna.

A pequenita que ella acabava de vir mostrar ao doutor, era a filha natural do Gomes, ferrageiro riquissimo, mas solteirão e frascario, incapaz de arrancar da alma a minima scintilla de piedade ou de compaixão para um infortunio qualquer. . . , quanto mais para uma filha. . .

Gerada n'uma hora de volupia doce com uma creadinha gentil que tivera em casa, assim que o caso se tornou feio, elle, que ao ouvir da amante a revelação do seu estado, clamára apopletico—que isso é que era uma dos diabos,—pouco mais fizera do que nada, e levando a rapariga para casa de uma velha que lhe arranjava o fato, deixára morrer a pobre mãe nas torturas cruciantes de um parto infeliz, e depois de a custo lhe haverem arrancado uns miseros mil réis para as despesas inevitaveis do que elle proprio chamava—a sua grande cabeçada, nunca mais quizera saber da filha, a pretexto de que a tinha mandado engeitar e que se não quizessem creal-a tivessem feito o que elle mandava, que era—pô-la na roda. . .

E nem lagrimas da pobre tia Joanna—porque era ella a que ficára com a creancinha—nem pedidos, nem ameaças até, fizeram descerrar-lhe o cofre de usurario sordido e repugnante.

De sorte que, foi a pobre tia Joanna quem com o auxilio da misericordia, pagou a criação da infeliz abandonada; foi ella quem depois a tomou para casa, quem a mandou ensinar a ler, quem a educou emfim.

A pequenita era fraca e doente, e a tia Joanna teve que impor se mil sacrificios penosos para tentar corrigir em parte aquelle triste esboço imperfeito da natureza. Filha de um velho, e de um velho doente e gasto, ella tinha a depauperar-lhe o organismo tantos elementos morbigenos, que um d'elles, apenas, bastaria para mais tarde ou mais cedo determinar-lhe a morte.

Eram a escrophula, a anemia, a bronchite, o rachitismo, milhares de germens, em summa, a deformarem-lhe os ossos, a deprimirem lhe os tecidos, a enfraquecerem lhe o sangue, e calculesse por aqui a lucta acirrada e titanica que a pobre mulher teve para ajudar a lucta da vida n'esse corpinho irremediavelmente condemnado.

A principio ainda estas causas, originariamente destruktivas, se e julibravam a espaços, neutralizando-se mutuamente; mas depois, uma d'ellas predominaria sem duvida, e seria essa quem lhe roubaria a existencia, que as outras iam lentamente minando. . .

Depois, como a tia Joanna era pobre, e por muito bem que lhe fizessem, não podia proporcionar á Florinda os cuidados que a ternura e o carinho não dão por si sós, apesar da recommendação do doutor e da fraqueza da pequena, quando ella fez doze annos pô-la a costureira, n'uma casa de modas.

Pensára em agenciar-lhe um modo de vida mais suave, e lembrou-se de procurar-lhe uma casa para servir—que não fosse cozinha,—mas quando viam a pequena, descarnada e amarella, os olhos sem brilho e as faces sem côr, todos diziam que a não queriam, que era fraca, nem daria cousa que prestasse. E manifestavam muito dô, aconselhando remedios e—nada de trabalhos violentos.

A tia Joanna, consumia-se, perguntava o que havia de fazer, e aos conselhos que lhe davam, obtemperava que era bom isso, era—mas não podia segui-los.

Então, algumas almas compassivas, sentindo uma certa commiserção pela sorte d'aquella pobre mulher, promoviam-lhe subscrições ou davam-lhe esmolas, generos, roupinhas, mas depois tambem cançavam—porque succede isto, mesmo á caridade,—e a pobre Joanna recomeçava o seu fadario.

Até que por fim, como quasi lhe davam só conselhos, e uma casa é uma loba,—dizia ella a uma vizinha,—deliberou tomar um partido, e a Florinda foi ser costureira.

A principio tiveram dô d'ella, e não a faziam trabalhar muito. A *madama*—era a mestra—sentia mesmo um certo dô por esse corpo alquebrado e franzino que, mal desenvolvido ainda, tinha já os estigmas da velhice decrepita, e dava-lhe trabalhos ligeiros e faceis, chegando ás vezes, quando estava de bom humor, a recomendar-lhe que não trabalhasse demasiado, e se se sentisse fatigada descansasse um bocadinho.

Mas depois, a pobre rapariga viu que não lhe davam mais de quatro viatens por dia, embora ella já soubesse fazer algumas cousas tão bem como as outras, que ganhavam dois tostões e mais; e, coitadita, ao fim de um anno, com o louvavel intuito de

ser menos pesada á tia Joanna, esforçou se por ganhar o mesmo que as outras.

Para isso, teve também que trabalhar mais, porque notou que a *madama*, aliás muito indulgente e muito boa para ella, pagava conforme a produção, e como ella, seguindo os seus proprios conselhos, não produzia muito, a *madama*, também, dava-lhe pouco.

Ora a Florinda queria ser augmentada, por isso começou a trabalhar, a trabalhar, para ver se conseguia o que desejava.

A principio, pela excitação nervosa em que andava, não sentiu differença no seu estado, mas depois, de repente, dizia, e sem saber como, veio-lhe uma tossesita minaz e persistente, em seguida uma pontinha de febre constante, e logo uma quebreira, uma molleza, um mal estar invencível, falta de appetite, somnolencia, até que a doença se declarou.

Quiz disfarçar, ainda, e tentou reagir, luctando, mas, coitada, era fraca e teve de ceder.

A tia Joanna, com os olhos marejados, voltou a procurar o medico que cinco annos antes lhe tinha feito a fatal prophécia; na primeira visita, ainda a Florinda a acompanhou e diligenciou rir com um riso alegre aos ditos do doutor, que procurava animar-a; mas depois foi o doutor que teve de ir vel-a, porque a infeliz já não tinha forças para dar um passo.

O medico, uma vez, ainda ia a dizer para a tia Joanna que bem a tinha avisado, mas notou-lhe no semblante um tal ar de tristeza indizível e, comprehendeu n'um momento tudo quanto havia de tão fatalmente tragico, de tão cruelmente inevitavel em toda aquella serie de desgraças, que todas provinham de uma só, a miséria, que se calou e fitou-a com um olhar em que ia muita piedade e muita admiração por tanta dôr reunida...

E redobrou de esforços, para atalhar o mal; mas era tarde, e tudo o que poude fazer pela Florinda, se limitou a suavisar-lhe os ultimos alentos, procurando que a morte fosse uma libertação para esse pobre ente que em vida tinha sido uma victima imbelles e indefesa de todos os monstros que passeiam pela terra a sua garra ensanguentada e feroz... a ignorancia, a doença, a pobreza...

Conseguiu isso ao menos, porque a Florinda foi deslizando docemente da vida para a morte, sem dar por tal, quasi.

Estava-se em novembro. O inverno n'esse anno começara cedo e aspero, e cá fóra, na rua, a chuva batia com força. Ao longe o vento gemia alguma canção magoada e dolente, soltando de espaço a espaço notas de uma tristeza infinita, como que penetrada da propria tristeza das almas e das cousas, e as ramarias das arvores agitavam-se descompasadas e ameaçadoras...

Davam sete horas; ouvia-se na calçada o rodar apressado de carruagens, e de quando em quando a melancolica toada de um aguaceiro que recrudescia...

D'ali a minutos a Florinda expirava.

Ha annos que isto foi, mas a tia Joanna ainda hoje vive sob a pressão dolorosa de que apressou a morte da pobre creança, e entristece dia a dia.

Quanto ao Gomes, sempre lascivo e cada vez mais sordido e mais repugnante, não tendo, é claro, sabido sequer da morte da filha em quem nunca mais pensou, e a quem nunca enviou nem uma esmola nem um beijo—o que talvez fosse providencial para não profanar ambas as cousas,—espera ainda que no relógio da justiça soe a hora tremenda da sua expiação—se é certo o que lhe vaticinou a Joanna!



O MOSTEIRO DE S. SERGIO (RUSSIA)

1887.

AFFONSO VARGAS

OS SETE PECCADOS MORTAES,

POR

EUGENIO SUE,

TRADUÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS.

OS SETE PECCADOS MORTAES, elegante e primorosamente traduzidos por Pinheiro Chagas, serão illustrados com

185 GRAVURAS

do celebre desenhador FERDINANDUS, intercaladas no texto, gravuras que a «Empreza Editora de Publicações Illustradas» comprou directamente em Paris, ao importante editor francez Jules Rouff.

OS SETE PECCADOS MORTAES dividem-se nos seguintes romances:

SOBERBA—A Duqueza. AVAREZA—Os Millionarios.
LUXURIA—Magdalena. IRA—Tição do Inferno. GULLA—O dr. Gasterini.
INVEJA—Frederico Bastien. PREGUIÇA—O primo Miguel

A distribuição será feita ás cadernetas semanaes de 24 paginas e aos fasciculos de 48 paginas. Em Lisboa, cada caderneta 60 réis. Nas provincias, cada fasciculo 120 réis, franco de porte.

Escriptorio—Travessa da Queimada, 35, Lisboa